

# “PARANYMPHAR é apadrinhar, apoiar, defender”

(Dicionário Moraes)

Discurso de paraninfo proferido pelo  
Prof. Ricardo Arnaldo Malheiros Fiuza,\*  
na solenidade de formatura da  
Escola de Biblioteconomia da UFMG.

Minhas queridas afilhadas:

*PARANYMPHAR*, com y e ph, registra o famoso dicionarista *Moraes*, em sua não menos famosa obra publicada em 1813, é “apadrinhar, apoiar, defender” e *PARANYMPHO*, com a mesma grafia, era o anjo que descia sobre as bodas para abençoá-las, protetor.

Já o *Aurélio*, no seu usadíssimo dicionário, define *Paraninfo* com “padrinho, pessoa a que, em certas solenidades, prestam-se homenagens e que, em geral, as retribui e agradece proferindo discurso”.

Longe de ser o *anjo* capaz de abençoá-las (aliás, anjos são vocês e “ângela” foi a oradora, pródiga em carinho para com o padrinho), impotente para ser o *protetor* de quem disso não precisa, pretendo ser o *amigo*, emocionado e agradecido pela homenagem.

---

\* Coordenador da Escola Judicial do Tribunal de Justiça de Minas Gerais e Professor da Faculdade de Direito Prof. Milton Campos.

E é como amigo que falo aqui e agora. Portanto, não *vos* falo, falo a *vocês*. Assim, não um *discurso* de paraninfo para bacharelandas e, sim, *conversa* de padrinho para afilhadas. Afilhadas que até a bem pouco tempo eram, quase todas, desconhecidas para mim e que, no entanto, após dois encontros que tivemos, já se tornaram gratas personagens de um acontecimento histórico na minha vida. Entre nós já nasceu uma amizade mineira: comedida, tranqüila, mas incondicionada e duradoura, se Deus quiser.

Na noite em que, chegado da minha função diurna de professor, recebi o telefonema comunicando-me a decisão desta turma em me convidar para seu paraninfo, pensei estar sonhando... É claro que, bem acordado, não me esqueci de agradecer e dizer que, com muito orgulho (e surpresa), aceitava o convite. Desligado o aparelho, eu é que me liguei... Comecei a imaginar o porquê da escolha de meu nome.

Paraninfo, em geral, é um dos mestres queridos da escola; uma pessoa ligada à profissão que se abraça; uma personalidade do momento; ou uma autoridade da qual se espera pronunciamento ou ação em favor da classe. Desses itens o único que parecia se aproximar do meu caso era o primeiro, já que professor há muitos anos eu sou, se bem que não tenha a honra de pertencer ao culto corpo docente desta Escola. — Havia também o fato de que na turma que convidava figurasse uma ex-aluna de curso primário, Fátima Falci, de quem eu me lembrava menininha, cabelos louros encaracolados e olhos azuis. Será que isto pesara na eleição? Quem sabe? — Depois lembrei-me de ter feito uma palestra para uma das turmas desta Escola. Não, mas não era essa porque aquela já se diplomara no ano passado. — Podia ser ainda como na eleição de um “*tertius*”, ante o dilema da escolha de um, entre tantos mestres ilustres e estimados. — Ainda

havia uma explicação possível: escolhendo o irmão homenageavam a irmã, professora Marysia Malheiros Fiuza, que, por duas vezes, já fora madrinha de formandos desta Escola.

Por fim, entre um café e um cigarro, no silêncio da noite serrana, onde ainda se ouvem o canto dos galos e o coaxar de alguma rã extraviada em busca do córrego perdido, pensei numa razão plausível. Quem sabe se a generosidade privilegiada das moças não se devia ao próprio destino que, em me trazendo para a intimidade honrosa de uma Escola de Biblioteconomia, mais uma vez, e de uma forma oficial e altamente desvanecedora, me aproximava daquilo a que sempre estive ligado: a *biblioteca*, o *livro*.

Explico: filho de professores, nasci literalmente dentro de um colégio, o Colégio Malheiros que, fundado à sombra da Igreja do Carmo de Ouro Preto, funcionou por muitos e muitos anos no Bairro da Serra de uma Belo Horizonte mais tranqüila e humana.

Os primeiros sons ouvidos pelo eu-menino (menino que, apesar da ação agrisalhadora do tempo, ainda continua, graças a Deus, dentro de mim) não foram só os das cantigas de ninar e dos guisos e chocalhos mas, também, e muito, os das vozes sonoras das abnegadas professoras no ritmado da tabuada, no compassado do beabá e o do badalar da campainha que convocava para a aula ou liberava para o recreio.

O meu primeiro quarto, tão logo a criança foi separada a contra-gosto do quarto dos pais, era o escritório da casa. E aí começou a minha ligação íntima, a minha fascinação e a quase dependência física para com os livros. Bem arrumados em grandes armários de porta de vidro, como erradamente se usava na época, ficavam os livros científicos de meu pai, que era médico. Em estantes menores e abertas,

como hoje recomenda a bibliossanidade, estavam os livros didáticos e de estórias. Uns e outros me tentavam, tão logo pude ver figuras, antes mesmo do estalo da leitura. Os de anatomia me excitavam a curiosidade pelo corpo humano, principalmente pelas partes mais veladas que, àquele tempo então, eram muitas, os de patologia me assustavam, mas me faziam "doutor" entre os companheiros de rua. Com o aprendizado da leitura, Monteiro Lobato, Andersen, Mark Twain, Wilhelm Busch, Hoffmann e depois Dumas, com seus "capa-e-espada"; Stevenson, com seus piratas e tesouros; Júlio Verne, com suas viagens fantásticas; e até o triste Dickens, me levavam a mundos maravilhosos. Com Olavo Bilac e M. Bonfim, viajei através do Brasil. Aquilo tudo era a *minha* biblioteca, que, por não conhecer técnicas decimais-universais e por ainda não ter bibliotecária em casa, eu catalogava e indexava da melhor maneira possível, empírica, por certo.

Na casa ao lado da minha, ficava o colégio propriamente dito e nele a sua biblioteca que, em muitos títulos, sobrepujava a minha, particular. Encapados em papel manilha com etiqueta no dorso, lá estavam os livros da minha infância privilegiada. E eu confesso agora, pela primeira vez, perante minhas afilhadas, que usei este privilégio para meu deleite pessoal e também, aí vai a confissão, a fim de auferir alguns lucrinhos extras para a matinê de domingo. É que, desfrutando de tal acervo literário, criei uma caderneta de empréstimos e passei a cobrar taxas, módicas é bem verdade, para partilhar com meus vizinhos a leitura de tais obras preciosas. Aliás, eu não estava inovando, já que, como nos conta Alfredo Serrai, professor de Biblioteconomia e Bibliografia da "Scuola Speciale per Archivisti e Bibliotecari", da Universidade de Roma, em excelente artigo traduzido

pela ilustre e simpática professora desta Casa, Maria Romano Schreiber (publicado no v. 4, n. 2, da "Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG"), "para satisfazer as necessidades de instrução e de distração dos que não eram sábios, estudantes ou suficientemente ricos para possuir suas próprias coleções de livros, toma forma, a partir do Século XVII, a biblioteca circulante, quer dizer, uma coleção de volumes que são emprestados para leitura, mediante pagamento de pequena quantia." Eu não era sábio nem rico, mas tinha os livros.

Todavia a minha ligação com os livros e os periódicos não fica nessa experiência bibliotecária da infância; vitoriosa e gratificante experiência, diga-se de passagem. Na minha juventude (que não é remota, convém explicar) passada, em grande parte, nas férias inesquecíveis de Dores do Indaiá, as tardes, sempre mornas e longas, eram dedicadas à gráfica de "O Liberal", jornalzinho valente daquela cidade. Ali, com José Ribeiro Machado, que foi prêmio Machado de Assis, aprendi o gosto pelos tipos gráficos, pelo uso das vinhetas, pela composição manual, quase que uma bibliotecnia gutenberguiana, e pelo cheiro característico das oficinas de impressão.

Durante o curso superior, na saudosa Casa de Afonso Pena, não me distingui como "rato de biblioteca". Fui mais "gato", porque, ciumento e bibliófilo de nascença, preferi ir formando devagar, a minha própria biblioteca jurídica. O Bernardo Álvares, que ainda não era o atual incorporador de sucesso, nos abria conta-corrente, como o Inimá faz hoje, e os livros iam enchendo as minhas prateleiras.

Formado, passei a trabalhar em duas revistas: na "Jurisprudência Mineira", onde era revisor especializado e na "Revista Brasileira de Estudos Políticos", onde era tradutor de inglês. Cresceu-me o interesse

pelas letras impressas e nasceu em mim aquele desejo de não "ser o poeta inédito do Calafate", no qual não acredita o inteligente professor Francisco Iglésias, falando sobre o interesse de quem escreve em ver impresso o seu escrito.

*BIBLIOTECONOMIA*, catalogação, classificação, indexação, arquivística, informática, bibliografia e referência, paleografia passaram a ser palavras e noções conhecidas, eis que, na minha própria casa-mãe, minha irmã optara por este curso, ainda incipiente, que hoje constitui esta conhecida e proficiente unidade da UFMG.

Chamado a ocupar diretorias no Tribunal de Justiça de Minas Gerais, conheci mais de perto o trabalho e a indisponibilidade de uma biblioteca. Pareceres, promoções, justificativas e exposições de motivos reclamavam a todo instante o auxílio da bibliotecária, com sua informação pronta e segura sobre a doutrina, a jurisprudência e a legislação aplicáveis ao caso. Aliás, como bem salientou o ex-Presidente Juscelino Kubitschek, em magnífico discurso de paraninfo da turma de julho de 1975 desta mesma Escola, "a função do bibliotecário não consiste apenas em fichar o livro, indicar com uma etiqueta a prateleira em que se encontra o volume. Ela amplia-se, numa colaboração mais objetiva, porque se transforma imediatamente na origem dos subsídios que encurtam o tempo, trazendo ao técnico, ao estudante, ao consulente, a contribuição necessária". Do antigo "zelador" do século passado ao "bacharel em biblioteconomia" dos dias de hoje, a evolução foi grande. O atual bibliotecário é muito mais que o cargo; é a ciência que a função exige. A biblioteca não é mais o museu; é a fonte.

E assim pensando, fiz realizar, enquanto Diretor-Geral, o primeiro concurso para cargos de bibliotecário

do Tribunal, tendo convidado para a elaboração do programa e constituição da comissão examinadora ilustres professores desta Casa.

Já perceberam, minhas afilhadas, o destino sempre a me ligar ao campo de vocês?

Por fim, pensava eu naquela noite da escolha, que madrugada já era, em mais um ponto de ligação minha com os assuntos bibliológicos. É que, não me contentando em ser periodista, resolvi me ousar na publicação de livros. E desde o primeiro, que foi a "Memória Histórica do Centenário do Tribunal de Justiça", e, principalmente, no último, o "Toma de Minas a Estrada" (Editora Lemi), que tive a oportunidade de lhes ofertar, fiz questão de que toda a técnica bibliográfica fosse empregada: ficha catalográfica, página de créditos, sumário, referências bibliográficas, índice alfabético e remissivo e biobibliografia — tudo no lugar certo. Aqui aproveito a oportunidade para sugerir à Diretoria desta Escola que estude um convênio ou um outro meio de que as editoras desta cidade sejam assessoradas na técnica bibliográfica. Muitas são as nossas gráficas que têm excelente maquinaria impressora, mas rara é aquela que conhece e aplica os princípios de biblioteconomia.

\* \* \*

Depois dessa análise retrospectiva, pude, naquela noite, como posso agora, aceitar com mais tranquilidade, na minha própria intimidade, o honroso convite que recebera.

Aceito-o como *admirador* da classe em geral, porque sei de sua ascendente importância no dinamismo do mundo de hoje. Conheço de perto e de longa data, como viram, a imprescindibilidade da figura humana do bibliotecário, mesmo que as máquinas

cheguem (como adverte D.J. Simpson, Diretor do "Media Resources of the Open University Library" da Inglaterra, em artigo traduzido pelo professor Eduardo Dias, desta Escola), porque o computador, material e insensível, usado na biblioteca, só funcionará, se programado e acionado pelo dedo humano, que, por sua vez, receberá o comando do espírito e da sensibilidade de um conhecedor.

Aceito-o como *amigo* desta turma em particular, porque vocês, minhas afilhadas queridas, foram me buscar para a última aula, a "mais difícil de todas, que é uma dissertação e um deslumbramento, uma alegria de alvorada e uma tristeza de crepúsculo, uma festa de recepção e uma saudade de adeus" (Alberto Deodato, "Mensagem aos Moços", BH. 1958, Imprensa da UMG).

E abraço-as todas, em abraço de parabéns, pedindo-lhes que levem meus cumprimentos a todos os seus entes queridos. Desejo-lhes imensa felicidade na profissão, aconselhando-as à fidelidade ao seu juramento e à intransigência na defesa e na propagação da cultura e da liberdade de expressão. Se em alguns momentos as dificuldades lhes parecerem maiores e insuperáveis, lembrem-se destas palavras que tirei do discurso de paraninfo já citado: "não temam as curvas dos caminhos e enfrentem os percalços com coragem, na certeza de que a luz só brilha quando o mundo escurece" (Juscelino Kubitschek, "Discurso de Paraninfo", julho de 1975).

À ilustre Diretoria e à nobre Congregação da Escola de Biblioteconomia da UFMG, bem como à própria Reitoria, as minhas felicitações pelo término feliz de mais um triênio de trabalhos e os meus agradecimentos pela honra de estar aqui em seu meio neste dia de festa.

Perdoem-me todos se me alonguei nesta conversa: é que eu queria, egoisticamente, prolongar este momento de gratificante alegria para mim.

E já lhes peço, minhas amigas, que nas comemorações anuais de formatura, se as fizerem e devem fazê-las, não se esqueçam do padrinho de hoje. Quero compartilhar de suas alegrias e ajudar nas suas tristezas, que espero, lhes sejam pequenas, posto que inevitáveis.

De todos, professores e alunos, eu me despeço, deixando-lhes a palavra de João XXIII que a meu ver se aplica bem a esta Casa e a este momento: "Só por hoje dedicarei 10 minutos do meu tempo a uma boa leitura, lembrando-me de que assim como é preciso comer para sustentar meu corpo, também a leitura é necessária para alimentar a vida da minha alma".

Muito obrigado.